



Potosi, Bolívia

Santo de casa

Autor de obras controversas, ele é mais conhecido lá fora do que no Brasil. Mas não está nem aí. Aos 75 anos, o ceramista pernambucano Francisco Brennand continua fazendo o que sempre fez: acorda cedo e bota a mão na massa

Por Décio Galina



Recife, Brasil

FOTO AGÊNCIA LUMIARI/PATRICIA GOUVEIA

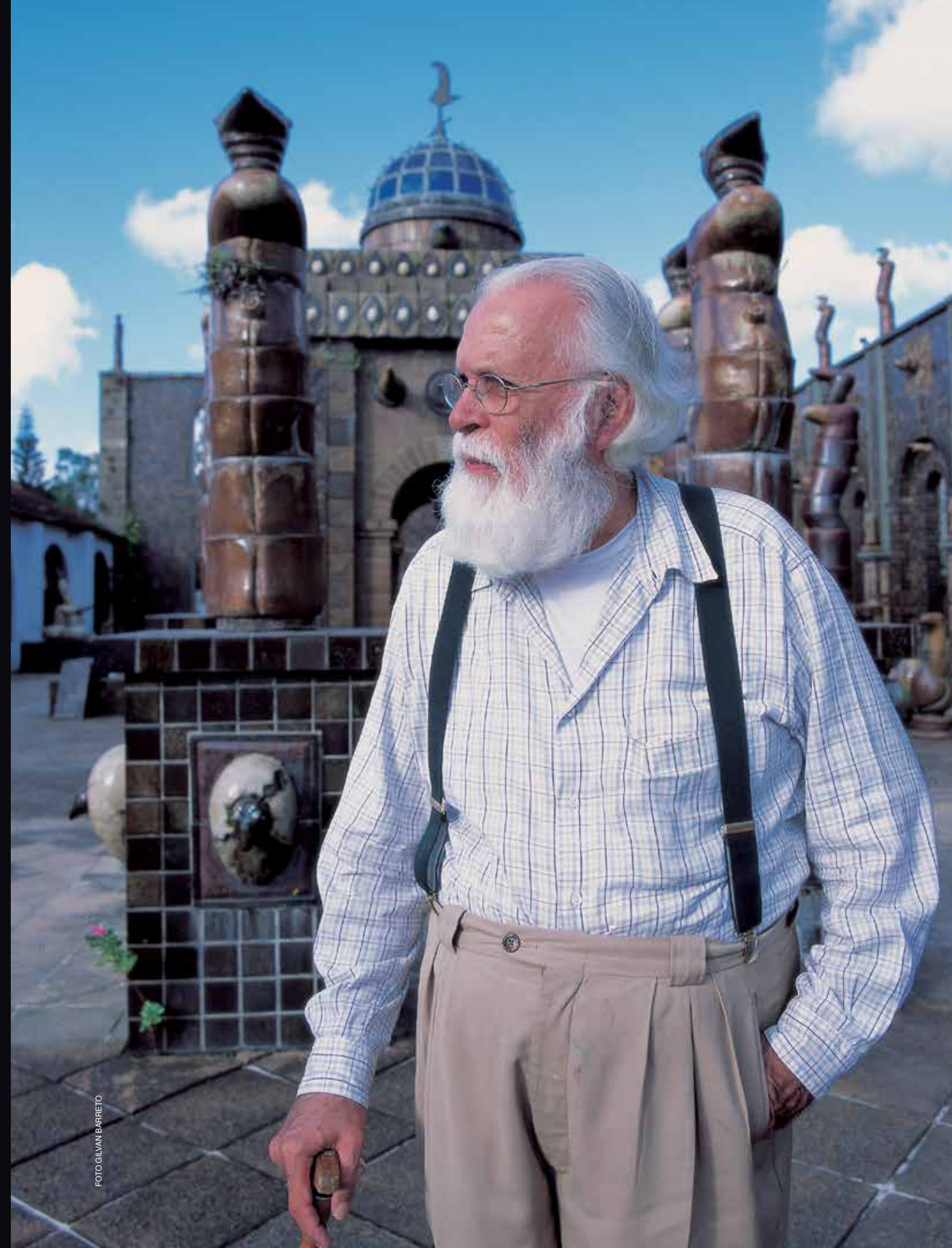


FOTO GILVAN BARRETO



A primeira reação ao entrar na Oficina de Cerâmica de Francisco Brennand é ficar mudo. Figuras estranhas, corpos sem cabeça, peças que parecem vivas. Duas mil esculturas em 15 mil metros quadrados. Uma overdose de arte de primeira qualidade. Há décadas o pernambucano vem acumulando condecorações, como o prêmio Interamericano de Cultura Gabriela Mistral, concedido pela OEA em 1993 pelo conjunto e pela singularidade de seu trabalho



FOTO AGÊNCIA LUMIAR

— Brennand, você tem medo da morte?

— A morte não me incomoda nem me aterroriza. Afinal, perde-se muito pouco: o passado já aconteceu, e o futuro não existe. A morte só leva o presente, aquele momento que você está vivendo.

— E... [Brennand, 75 anos de idade, interrompe a pergunta e desata a falar:]

— Mas não sou partidário do sofrimento. A degradação física me desespera. Por isso, tenho caminhado muito, cuidado da minha saúde...

O artista plástico pernambucano Francisco Brennand — mais conhecido em Lisboa ou Berlim do que em São Paulo ou no Rio de Janeiro — escorrega de um assunto para outro como um sabonete. Conversar com essa figura “feudal, supersticiosa e pornográfica” — como ele se define — é ser bombardeado por histórias fantásticas, mitologias, polêmicas e um sem-número de citações devidamente creditadas.

Nenhum crítico ousa enquadrá-lo nesse ou naquele estilo. De certo, mesmo, apenas a perplexidade ante uma arte prolixa, anárquica e luxuriante. “Rotular Brennand seria empobrecer sua obra”, sentencia o artista plástico e professor de história da arte Nelson Screnci. “Ele trabalha com material da terra, sem ser folclórico ou regional; o que produz é universal.” Mas Brennand já teve dúvidas quanto a isso.

— Achava a cerâmica uma arte menor, decorativa. Meu pai já trabalhava com isso, então nasci no universo da cerâmica. Talvez por essa razão considerasse pintura a óleo sobre tela como arte de verdade. É ela que está no trono. É a pintura que movimenta o grande mercado de arte no mundo.

Sua opinião mudou uma semana depois de desembarcar em Paris, lá pelos idos de 1949. Tutelado pelo artista Cícero Dias, morrendo de amores pela poeta Débora de Moura Vasconcelos, o jovem Brennand, aos 22 anos, teve um choque quando conheceu as cerâmicas de Picasso.

— Elas me deixaram desmoralizado. Daí a idéia fixa de me dedicar à cerâmica quando voltasse ao Brasil.

A temporada européia levou-o inúmeras vezes aos ateliês de André Lothe e Fernand Léger. Perambulou por Bélgica, Suíça, Portugal. Teve um alumbramento ao topar com a obra de Antoni Gaudí, em Barcelona. “Que diabo é isso?”, indagou ao taxista quando passavam em frente à Casa Batlló. “É Gaudí”, respondeu orgulhoso o motorista, responsável também pelo passeio à Sagrada Família e ao Parque Güell. O impacto foi tamanho que Brennand costuma dizer que o fantasma de Gaudí ainda o acompanha.

Impacto também é um bom palpite para o que vai causar a publicação do diário do artista, escrito entre fevereiro de 1949 e junho de 1999. Pelo menos, é o que o autor promete com as 1.500 páginas de *O Nome do Livro*, já entregues à editora Topbooks.

— Esse livro vai me causar tantos problemas...

— Por quê?

— Cito pessoas vivas. Muitas mulheres... quase um harém. Já perdi a cerimônia. Aos 75 anos, você fica mais ousado, mas sei que isso pode me trazer dificuldades. Mesmo assim, não me preocupo com julgamento alheio.





Lima da pérsia

O dia de Brennand começa antes de o sol dar o ar da graça. Às 5h30 — após dormir pouco mais de cinco horas e enfrentar uma insônia brava — está de pé. Em meia hora, começa o ataque à principal refeição do dia. Um café-da-manhã respeitável: ovos, aveia, frutas e torradas. De domingo a domingo, o destino ao sair de casa é o mesmo: propriedade Santos Cosme e Damião, região oeste de Recife, bairro da Várzea — este é o endereço da Oficina de Cerâmica de Francisco Brennand. Ali, mais de 2.000 esculturas habitam 15 mil metros quadrados. Dividem o espaço com cisnes negros, espelhos d’água, templos e jardins projetados por Burle Marx. Coisa de outro mundo.

Em meio a personagens da mitologia greco-romana, cabeças sem corpo e peças realçando órgãos genitais masculinos e femininos, o visitante muitas vezes encontra o criador daquele império quase surreal. E, como bem diz o amigo paraibano e colega de profissão João Câmara, Brennand adora investir algumas horinhas em um bom papo. Assunto é o que não falta.

— O senhor costuma sonhar?

— Sonho muito. Sonho tanto que às vezes não concebo se estou sonhando ou se simplesmente estou pensando acordado. Minha mente é conturbada... Mas sei que minhas obras nada têm a ver com sonhos. Nem acredito que Salvador Dalí fez o que fez por conta de seus sonhos...

Na hora do almoço, feito na própria

Oficina, quem dá as cartas é a cozinheira Maria Rita, que cuida de um cardápio preestabelecido. Segunda-feira é dia de bife acebolado com arroz e salada. A bebida, porém, é sempre a mesma: suco de lima da pérsia. Outra mania de

Brennand: o bife deve ser servido todo cortado.

— É que sou muito voraz...

Não é fácil satisfazer o apetite artístico de Brennand. Além da produção desenfreada de peças e totens que povoam o coliseu mágico que lhe serve de ateliê, o mestre de farta barba branca se alimenta de obras grandiosas — como os murais do Aeroporto dos Guararapes, em Recife, ou o prédio de oito andares em Miami. Há também a controversa Coluna de Cristal (de 33 metros), uma das principais referências urbanas da capital pernambucana. O projeto original foi vetado pela prefeitura. Em vez de coluna, as autoridades viram ali um falo de dimensões dantescas. Resignado, Brennand providenciou as mudanças solicitadas, mesmo sem concordar com a interpretação oficial.

— Não tinha nada de falo! Parecia um foguete da Nasa...

E o desabafo prossegue:

— Nada posso fazer contra a lógica implacável do absurdo.

Tudo isso faz com que ele não se considere reconhecido em seu próprio país. Se bem que, concede, comparado a outros artistas, até que tem algum reconhecimento. Paradoxos à parte, entretanto, nada disso conta.

— O importante mesmo é estar de pé. Trabalhando.



FOTOS RICARDO ROLLO



Murais com desenhos e frases, além das obras que compõem o cenário com animais, transformam a visita à Oficina em uma verdadeira viagem. Aliás, Brennand — avesso a qualquer jornada coletiva, seja ela de avião, seja de elevador — define de forma peculiar o que é uma grande viagem: **“É sair a pé, sem direção. Assim é que se vai longe. Não gosto desse tipo de viagem que deixou de ser uma aventura para se tornar rotina”**



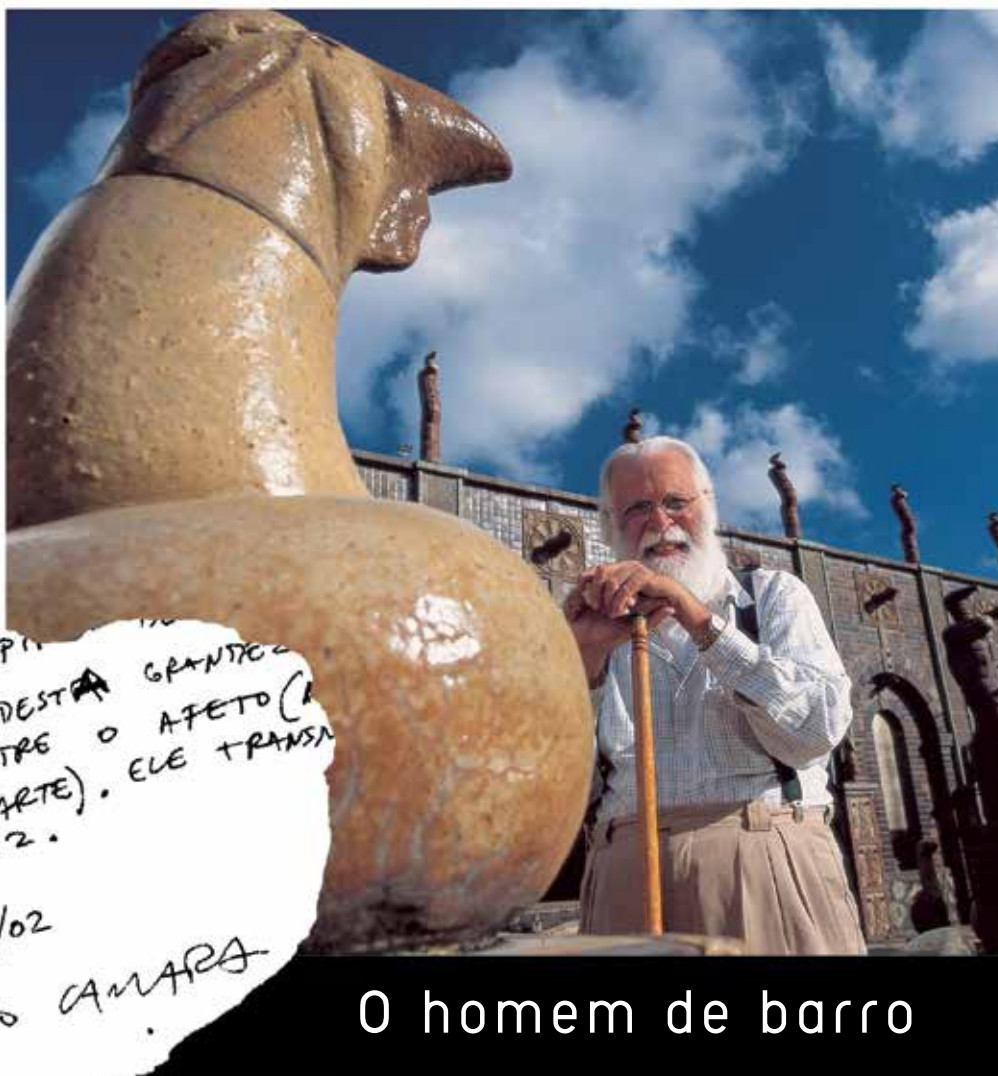


FOTO GILVAN BARRETO

O homem de barro

Depoimento de João Câmara sobre seu amigo Francisco Brennand



Conheci Francisco na década de 1960, quando comecei a pintar profissionalmente. Desde essa época somos amigos. Francisco é meu padrinho de casamento, inclusive. Aí pelos anos 70 havia almoços, aos sábados, em sua casa no engenho São Francisco, na Várzea.

Conversava-se sobre quase tudo. Francisco é homem de cultura e sensibilidade larga, um artista e um cavalheiro com horror ao vulgar; ao medíocre, ao mundano. Isso o aproximou das expressões artísticas e das manifestações populares primitivas e radicais e, assim, universais, míticas. Na base do seu pensamento atua uma cosmologia de ordem panteísta, uma sensualidade (e um sensualismo) que quase tudo explica ou justifica.

Francisco tem uma atração pela visualidade insólita, pelo revelador; pelas epifanias da natureza e da alma humana. Seu envolvimento maior (seu lazer) é pelo fazer; pela mobilidade e pela transformação das coisas eternas: a pedra, o fogo, o espírito de perpetuação.

Em um homem desta grandeza não há separação entre o afeto (amizade) e o engenho (arte). Ele transmite essa unidade feliz.



Olinda, 29/10/02

